

A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA BÍBLICA PARA COMPREENSÃO DO CRISTIANISMO, JUDAÍSMO E ISLAMISMO: UMA VISÃO DOCENTE

Carlos das Neves Oliveira¹

RESUMO

O presente Artigo tem como objetivo discutir o lugar da Geografia Bíblica no ensino religioso apresentando-o com conteúdos e metodologia própria que proporcionem uma educação completa, que humanize e transforme a realidade de um mundo carente de respeito, de senso crítico, de tolerância e de interesse por questões que sejam capazes de levar o sujeito, na sua fase mais frágil, de preparação para a vida, para recuperação e promoção do ser humano em sua dignidade, a atuar como cidadão, agente da própria história, com conhecimento religioso que o torne apto a vivenciar os valores propostos pelas religiões, sem discriminar seus semelhantes por motivo de crença. A importância da Geografia Bíblica é atribuída como sendo esta, um meio auxiliar no estudo e compreensão da do espaço geográfico que surgem as principais religiões: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. O ensino religioso torna-se objetivo de fácil comunicação quando podemos apontar, mostrar e descrever os locais onde os fatos se desenrolaram. Este artigo é apresentado através de uma interpretação qualitativa, nas quais as concepções de abordagem formam um conjunto de técnicas que permitem a construção do espaço das religiões Aramaicas.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Geografia Bíblica. Educação.

ABSTRACT

This article aims to discuss the place of Biblical Geography in religious teaching presenting it with content and its own methodology to provide a complete education that humanizes and transforms the reality of a world in need of respect, critical thinking, tolerance and interest in matters that are able to take the subject at its most fragile stage of preparation for life, for the recovery and promotion of the human being in its dignity, to act as a citizen agent of history itself, with religious knowledge that makes able to experience the values proposed by religions, without discriminating against their peers by belief reason. The importance of Biblical Geography is assigned as this, a way to help in the study and understanding of geographical space that come the major religions: Christianity, Judaism and Islam. Religious education becomes goal of easy communication when we can point to, show and describe the places where the events took place. This article is presented through a qualitative interpretation, in which the approach to concepts are a set of techniques that allow the construction of the space of the Abrahamic religions.

Keywords: Religious education. Biblical Geography. Education.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade de Santos.

INTRODUÇÃO

É sabido que em nosso país o ensino religioso tem sido ofertado ao longo da história da educação brasileira a partir de sua exigência em colégios cristãos embora, já a partir da nova LDB – Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, tenha sido colocado como parte do currículo, no elenco de disciplinas do núcleo diversificado, portanto de caráter facultativo.

Não se pode negar que sempre houve a boa vontade dos colégios de apresentar tal disciplina nos currículos escolares, porém os colégios, especialmente os situados nas pequenas cidades do interior, têm encontrado dificuldades em fazê-lo, pura e simplesmente por falta de professores, os quais sempre eram, e são ainda, improvisados nas figuras de padres e pastores, ou algum leigo reconhecidamente religioso.

As experiências vivenciadas pelos professores de ensino religioso apontam para a existência de uma preocupação com o ensino da Geografia Bíblica apenas nos seminários – católicos ou protestantes –, o que, por si, demonstra sua importância, porque ao lado da filosofia, da sociologia e da pedagogia, entre outras disciplinas, o futuro pastor ou padre necessita entender o momento histórico e o espaço geográfico existente da religião que adotou como filosofia de vida.

Na tentativa de incluir no ensino religioso a todos os currículos, busca-se apresentá-lo com conteúdos e metodologia próprios que proporcionem uma educação completa, que humanize e transforme a realidade de um mundo carente de respeito, de senso crítico, de tolerância e de interesse por questões que sejam capazes de levar o sujeito, na sua fase mais frágil de preparação para a vida, para recuperação e promoção do ser humano em sua dignidade, a atuar como cidadão, agente da própria história, com conhecimento religioso que o torne apto a vivenciar os valores propostos pelas religiões, sem discriminar seus semelhantes por motivo de crença (VELOSO, 2008). A problemática apresentada nos faz apreender, do ponto de vista pedagógico e metodológico, a contribuição que o ensino da Geografia Bíblica oferece no avanço do ensino religioso.

Consideram-se concepções teóricas e conceituais sobre a história das religiões e os reflexos de suas filosofias, dogmas e elementos éticos que influenciaram a humanidade através dos séculos, dando ênfase a utilização do espaço geográfico.

Como técnicas auxiliares são utilizadas a entrevista semiestruturada e a observação direta. A coleta de dados é também realizada mediante pesquisa bibliográfica, em sites institucionais e outros.

O interesse em estudar tal disciplina parte da necessidade já explicada de formar professores capacitados a lecionarem a religião dentro dos mais altos padrões de ecumenismo, uma necessidade que se faz presente em um mundo globalizado.

No Mundo Antigo, existiam várias nações que tinham história de origens diferentes e costumes diversos, separadas por fatores físicos, como montanhas, desertos rios e lagos, totalmente desligadas e sem comunicação entre si durante períodos de séculos. Portanto, o que é mais intrigante é a concordância na existência de um Ser Supremo que regia os seus valores e participava na própria construção de leis sociais e espirituais.

Os povos dessas regiões, seja qual tenha sido a divergência nos costumes e nos cultos, revelam a observância de cerimônias religiosas de alguma espécie, e o reconhecimento da existência de ao menos uma divindade ou do verdadeiro Deus (JONIER, 2004).

A Geografia Bíblica é importante, porque contribui para o conhecimento do território onde surgiram as principais religiões do mundo, mas sua institucionalização como disciplina não é notória, já que ela é utilizada apenas nas universidades que oferecem cursos de graduação em teologia.

A contribuição da Geografia Bíblica é dada por razões diversas, como o fato de que ela faz descrições da terra e da população residente em seu território, no período denominado Mundo Antigo, indica as principais riquezas do povo e as atividades econômicas exercidas por eles há mais de 2000 anos. Descreve a terra onde ocorreram os fatos narrados na Bíblia e também aqueles que estão relacionados com outras religiões.

A Geografia Bíblica contribui extraordinariamente para o conhecimento de um país ou de áreas percorridas por religiosos, séculos atrás, como no Egito, Antioquia ou palestina. Mensagens e fatos descritos na Bíblia, tido como obscuros tornam-se mais claros quando estudados à luz da Geografia Bíblica (GILBERTO, 2008).

A Geografia Bíblica, como disciplina produz substanciais informações sobre as populações existentes, bastante diversificadas quanto à origem, aos sistemas de

exploração da terra e aos níveis culturais, formadas por povos escravos e livres, em sua maioria localizados em áreas de difícil sobrevivência como desertos e montes.

O termo Geografia Bíblica se refere, portanto, a uma pequena área de estudo do espaço geográfico mundial para estudar o território onde surgiram as principais religiões, ressaltando que o Oriente Médio é o ponto de convergência das três grandes religiões monoteístas da atualidade: cristianismo, judaísmo e islamismo (ARCHELA; BARROS, 2008).

E, ao analisar os problemas territoriais e o destino dos Estados nacionais que compõe esta área, percebe-se que há poucos livros escritos sobre eles e assim mesmo não são especificamente de Geografia Bíblica, mas livros que trabalham a maior parte de seus conteúdos da história bíblica para mostrar a realidade do Mundo Antigo.

A Geografia Bíblica traz uma renovação, provocando o crescimento da leitura e da reflexão sobre a área de estudo, ou seja, o Mundo Bíblico. Com ela se iniciaram os estudos de Geografia nos chamados seminários.

O que torna também o estudo da Geografia Bíblica relevante é a interdisciplinaridade de que ela se reveste. Do ponto de vista sociológico, o ensino religioso é muito significativo, pois dá continuidade ao trabalho iniciado na família: promove o encontro, o diálogo, a abertura.

Do ponto de vista psicológico, contribui para a integração da personalidade. E do ponto de vista ético-moral, ajuda a amadurecer no caminho das ações ou escolhas, oferecendo elementos ou critérios de juízo, como também contribui para o crescimento da liberdade e da autonomia.

GEOGRAFIA BÍBLICA: CONCEITOS E DIVISÕES

O estudo da Geografia Bíblica visa a analisar a influência do espaço geográfico na evolução histórica das religiões e para isto se vale das suas origens e localização no espaço terrestre, lembrando que o mundo conhecido antigamente era bem menor do que o espaço global que se conhece atualmente.

Toda a revisão bibliográfica tem como objetivo proporcionar um relacionamento de seu estudo ao objetivo principal, que consiste em analisar se é possível desenvolver o

ensino religioso através de procedimentos pedagógicos e metodológicos do ensino da Geografia Bíblica.

Estudar Geografia Bíblica se reveste de grande relevância, porque este estudo oferece a apreciação, a compreensão e interpretação dos fatos bíblicos. Segundo Ronis, “Geografia Bíblica é a parte da Geografia Geral que tem por objetivo o conhecimento das diferentes áreas da superfície relacionadas com a Bíblia” (RONIS, 1989, p. 13).

As fontes de estudo da Geografia Bíblica, de um modo geral, estão na própria Bíblia Sagrada, na arqueologia, na história geral e na cartografia, daí se ter como corolário a localização do mundo bíblico no Oriente Médio, partindo-se do pressuposto de que a Mesopotâmia seria o berço da humanidade (o Continente Africano é considerado o berço da humanidade, sendo a localização do mais antigo registro de vida humana) baseado em que, estando localizada entre os rios Tigres e Eufrates, foi dali que partiram as primeiras civilizações.

Através do estudo da Geografia Bíblica, pode-se:

- a) localizar os relatos bíblicos no espaço e no tempo;
- b) compreender as regiões nas quais ocorreram os fatos relatados na Bíblia;
- c) entender o desenvolvimento das sociedades que viveram nestas épocas;
- d) visualizar os lugares específicos indicados no texto bíblico e suas atuais (localizações??)

O estudo da Geografia Bíblica deve ainda ser dividido em quatro partes fundamentais: a humana, a econômica, a física e a política. Na humana, serão retratadas a história dos habitantes primitivos, seus países, os povos vizinhos, seus usos e costumes. Na econômica, serão descritos os reinos animal, vegetal e mineral. Na física, a hidrografia, o clima e o relevo. E, por último, na política, a história das conquistas e os sistemas de governo.

O Mundo Bíblico corresponde a uma região que abrange os países atuais desde o Irã até a Espanha no sentido Leste-Oeste e do norte da Turquia até o Iêmen e Egito no sentido norte-sul. Na Antiguidades, estas regiões foram denominadas de: Mesopotâmia, Pérsia, Armênia, Ásia Menor, Macedônia, Grécia, Creta, Roma, Síria, Fenícia, Palestina, Arábia, Egito, Etiópia e Líbia (ARCHELA; BARROS, 2008).

A região denominada de Mundo Bíblico situa-se hoje nas regiões conhecidas como Oriente Médio e mediterrânicas. A Mesopotâmia é o berço da raça humana (o Continente Africano é considerado o berço da humanidade, sendo a localização do mais antigo registro de vida humana), situada nas planícies entre os rios Tigre e Eufrates, de onde partiram as primeiras civilizações. “Após a dispersão das raças, Sem povoou o Sudeste da Ásia, Cão povoou a África, Canaã, península arábica, Jafé povoou a Europa e parte da Ásia” (Gn 10, 1-32).

Pode-se apontar como áreas limites do Mundo Bíblico a Península Ibérica, a ocidente, e o atual Iraque, a oriente. Atualmente encontram-se nestas regiões países como Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia, os diversos países balcânicos, Turquia, Egito, Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Iraque, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes (SILVA, 2009).

BREVE HISTÓRICO DAS RELIGIÕES

Estudar a História das Religiões no contexto que envolve a Geografia Bíblica é uma necessidade, não só pela importância que traz para a compreensão. A doutrina do cristianismo baseia-se na crença de que todo o ser humano é eterno, a exemplo de Cristo, que ressuscitou após sua morte. A fé cristã ensina que a vida presente é uma caminhada e que a morte é uma passagem para uma vida eterna e feliz para todos os que seguirem os ensinamentos de Cristo. Os ensinamentos estão contidos exclusivamente na Bíblia, dividida entre o Antigo e o Novo Testamentos.

O Antigo Testamento trata da lei judaica, ou Torah. Começa com relatos da criação e é todo permeado pela promessa de que Deus, revelado a Abraão, a Moisés e aos profetas enviaria à Terra seu próprio filho como Messias, o salvador.

O Novo Testamento contém os ensinamentos de Cristo, escritos por seus seguidores. Os principais são os quatro evangelhos ("mensagem", "boa nova") escritos pelos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João. Também inclui os Atos dos Apóstolos (cartas e ensinamentos que foram passados de boca em boca no início da era cristã, com destaque para as cartas de Paulo) e o Apocalipse.

O nascimento do cristianismo se confunde com a história do Império Romano e com a história do povo judeu. Na sua origem, o cristianismo foi apontado como uma seita surgida do judaísmo e terrivelmente perseguida (BRITO, 2007).

Quando Jesus Cristo nasceu, por volta do ano 4 a.C (problema na datação: Jesus Cristo nasceu 4 anos antes de Cristo? Deve ser explicado ou arrumado), na pequena cidade de Belém, próxima a Jerusalém, os romanos dominavam a Palestina. Os judeus viviam sob a administração de governadores romanos e, por isso, esperavam pela chegada do Messias (criam que seria um grande homem de guerra e que governaria politicamente), apontado na Torah (Antigo Testamento) como o enviado que os libertaria da dominação romana.

Até os 30 anos, Jesus viveu anônimo em Nazaré, cidade situada no norte do atual Israel. Aos 33 anos, seria crucificado em Jerusalém e ressuscitaria três dias depois. Em pouco tempo, aproximadamente três anos, reunira seguidores (os 12 apóstolos) e percorrera a região pregando sua doutrina e fazendo milagres, como ressuscitar pessoas mortas e curar cegos. Logo se tornou conhecido de todos e grandes multidões o seguiam (HURLBUT, 1993).

Mas, para as autoridades religiosas judaicas ele era um blasfemo, pois se autodenominava o Messias. Não tinha aparência e poder para ser o líder que libertaria a região da dominação romana. Ele apenas pregava paz, amor ao próximo. Para os romanos, era um agitador popular.

Após ser preso e morto, a tendência era de que seus seguidores se dispersassem e seus ensinamentos fossem esquecidos. Ocorreu o contrário. É justamente nesse fato que se assenta a fé cristã. Como haviam antecipado os profetas no Antigo Testamento, Cristo ressuscitou, apareceu a seus apóstolos (apóstolo quer dizer enviado) que estavam escondidos e ordenou que se espalhassem pelo mundo pregando sua mensagem de amor, paz, restauração e salvação (BRITO, 2007).

O cristianismo firmou-se como uma religião de origem divina. Seu fundador era o próprio filho de Deus, enviado como salvador e construtor da história junto com o homem. Ser cristão, portanto, seria engajar-se na obra redentora de Cristo, tendo como base a fé em seus ensinamentos.

Rapidamente, a doutrina cristã se espalhou pela região do Mediterrâneo e chegou ao coração do Império Romano. A difusão do cristianismo pela Grécia e Ásia

Menor foi obra especialmente do apóstolo Paulo, que não era um dos 12 e teria sido chamado para a missão pelo próprio Jesus. As comunidades cristãs se multiplicaram. Surgiram rivalidades. Em Roma, muitos cristãos foram transformados em mártires, comidos por leões em espetáculos no Coliseu, como alvos da ira de imperadores atacados por corrupção e devassidão.

Em 313, o imperador Constantino se converteu ao cristianismo e concedeu liberdade de culto, o que facilitou a expansão da doutrina por todo o império. Antes de Constantino, as reuniões ocorriam em subterrâneos, as famosas catacumbas que até hoje podem ser visitadas em Roma.

O cristianismo, mesmo firmando-se como de origem divina, é, como qualquer religião, praticado por seres humanos com liberdade de pensamento e diferentes formas de pensar. Desvios de percurso e situações históricas determinaram os rachas que dividiram o cristianismo em várias confissões (as principais são as dos católicos, protestantes e ortodoxos).

O primeiro grande racha veio em 1054, quando o patriarca de Constantinopla, Miguel Keroularios, rompeu com o papa, separando do cristianismo controlado por Roma as igrejas orientais, ditas ortodoxas. Bizâncio e depois Constantinopla (a Istambul de hoje, na Turquia), seria até 1453 a capital do Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino. O império romano do Ocidente já havia caído muito tempo antes, em 476, marcando o início da Idade Média. E foi justamente na chamada Idade Média, ainda hoje um dos períodos mais obscuros da história, que o cristianismo enfrentou seus maiores desafios, produzindo acertos e erros (BRITO, 2007).

Essa caminhada culminou com o segundo grande racha, a partir de 1517. O teólogo alemão Martinho Lutero, membro da ordem religiosa dos Agostinianos, revoltou-se contra a prática da venda de indulgências e passou a defender a tese de que o homem somente se salva pela fé.

Lutero é excomungado e funda a Igreja Luterana. Não reconhece a autoridade papal, nega o culto aos santos e acaba com a confissão obrigatória e o celibato dos padres e religiosos. Mas mantém os sacramentos do batismo e da eucaristia.

Mais tarde, a chamada Reforma Protestante deu origem a outras inúmeras igrejas cristãs, cada uma com diferentes interpretações de passagens bíblicas ou de ensinamentos de Cristo. Outras levantadas pelo próprio Espírito Santo, dão

continuidade ao propósito do Senhor Deus (trecho confuso: o autor refere-se a interpretações levantadas Literalmente pelo Espírito Santo? Ou isto conforme as respectivas doutrinas/interpretações? Especificar).

O JUDAÍSMO

Para os cristãos, o judaísmo ocupa posição inigualável entre as religiões do mundo. O cristianismo encontra suas raízes no judaísmo histórico, o judaísmo do Antigo Testamento. O cristianismo não suplanta o judaísmo do Antigo Testamento, mas é antes a fruição, o resultado líquido do judaísmo do Antigo Testamento.

As tentativas de sistematização de uma história judaica tem trazido diversos problemas aos estudiosos, pois há inúmeros problemas a serem resolvidos ao tratar-se deste assunto. Temos entre estes problemas a questão de determinar precisamente quando se inicia uma história do povo judeu: se como grupo étnico, religioso ou cultural, e as fontes que servem como base de estudo para esta história.

Geralmente os documentos extra bíblicos relacionados ao período mais antigo da história judaica são escassos e sujeitos a debates, o que levou a duas ramificações de estudo: a postura maximalista, que diz que tudo que não pode ser comprovado como falso e deve ser aceito como verdadeiro, e a postura minimalista que diz que os eventos que não são corroborados por eventos contemporâneos devem ser descartados.

O problema de um estudo crítico sobre a história judaica a partir da Bíblia surge do fato de que sabemos que as escrituras hebraicas foram compiladas muito mais tarde do que os períodos que pretendem narrar.

Os nomes de Abraão e Moisés são vinculados à origem do Judaísmo, religião surgida há (ou em?) aproximadamente 2000 a.C. Abrão era de uma cidade do Mundo Antigo chamada Ur, localizada na Babilônia, atual Tal-al-Muqayyar no sul do Iraque.

O Judaísmo começou quando um homem de nome Abrão recebeu a chamada da parte do único e verdadeiro Deus para deixar o seu povo, caído na idolatria, em "Ur dos caudeus", e migrar para terra de Canaã (MCDOWELL; STEWART, 1996).

Um dos elementos fortes da religião pré-judaísmo é o surgimento dos profetas, homens de diversas camadas sociais que pregavam e anunciariam profecias da parte de Deus. Sua pregação anunciando os castigos da desobediência para com Deus

encontraram eco com a destruição de Israel em 722 a.C. e com a conquista de Judá pelos babilônios em 586 a.C.

Com a dispersão dos reinos israelitas, muitos judeus assimilaram-se aos povos para o qual foram dispersados. Mas as comunidades israelitas remanescentes desenvolveram sua cultura e religião, criando o que temos hoje como Judaísmo. O fortalecimento da comunidade e a descentralização do culto (através da criação das sinagogas), além do estabelecimento de um conjunto de mandamentos que deveria ser aprendido pelos membros da comunidade e obedecidos em qualquer lugar em que vivessem, aliaram-se à esperança no restabelecimento novamente na Terra Prometida, dando aos judeus uma consciência messiânica. No entanto, com a liberação do retorno dos judeus para a Judéia poucas comunidades retornaram para a Judéia.

A história dos judeus está desde o passado ligado a questões de terra. Em termos de organização clerical, há a divisão em congregações, que escolhem individualmente seus rabinos. Os textos sagrados judaicos são: a Bíblia dos hebreus, que inclui o Torah (o Pentateuco, os cinco primeiros livros bíblicos: Gênesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio), os Profetas e outros livros; o Talmude, formado pelo conjunto de ensinamentos do Judaísmo, além de tratar-se de um guia de leis religiosas e civis (HISTÓRIA, 2009).

Os cultos são realizados nas sinagogas, que também são utilizadas como espaços dedicados à educação e aos assuntos coletivos.

No judaísmo surgiram várias vertentes, como a Ortodoxa, a Conservadora e a Reformista. A ideologia da vertente conservadora permite novas interpretações dos textos sagrados, apesar de tomar como sagradas as tradições judaicas.

Os seguidores da vertente Reformista submetem as tradições judaicas a reavaliações, de geração a geração. Esta (ou a Ortodoxa?) é a vertente mais radical do Judaísmo, se caracterizando pela observação rigorosa dos costumes e rituais em sua forma mais primitiva e tradicional, de acordo com as regras estabelecidas pelo Talmude e pelo Torah.

Não reconhecem Jesus como o Messias, eles acreditam que um novo Messias surgirá em busca da redenção da espécie humana. Portanto, a fé judaica concentra-se em um único Deus, que criou o homem à sua própria imagem e semelhança, e que teria formado um pacto com Abraão, considerado o pai do povo judeu. Para o judaísmo,

Moisés é considerado um profeta superior a todos os demais, tratando-se ainda de um símbolo de libertação e independência pátria.

Para Trepp (1966), desde o começo de sua história, o destino dos judeus tem estado inextricavelmente ligado ao território de Israel. Para os judeus, sua história começa quando Abraão recebeu ordem para migrar para a terra Prometida, pois somente ali eles podem realizar-se como servos e arautos de Deus.

A terra de Israel sempre foi a Terra Prometida. Somente ali a Torah [Lei] pode ser livremente traduzida na vida de uma nação independente.

O ISLAMISMO

A fé islâmica é uma das grandes forças impulsionadoras nas vidas de muitas das nações do Oriente Próximo e Médio, da Ásia Ocidental e do norte da África. O impacto dessa fé sobre o mundo vem aumentando constantemente. Atualmente, o islamismo é a religião de mais rápido crescimento no mundo. Em grande parte, a tensão árabe-israelense pode ser explicada pelo conflito entre o islamismo e o judaísmo.

A religião muçulmana tem crescido nos últimos anos (atualmente é a segunda maior do mundo) e está presente em todos os continentes. Porém, a maior parte de seguidores do islamismo encontra-se nos países árabes do Oriente Médio e do norte da África. A religião muçulmana é monoteísta, ou seja, tem apenas um Deus: Alá. Criada pelo profeta Maomé, a doutrina muçulmana encontra-se no livro sagrado, o Alcorão ou Corão. Foi fundada na região da atual Arábia Saudita.

Os primórdios da história do islamismo giram em torno de uma figura central, Maomé (formas variantes: Muhammed e Mohammed). Embora os ensinamentos do islamismo sejam uma interessante mistura de diferentes ideias religiosas, a origem dessa religião acha-se, historicamente, na pessoa ímpar de Maomé (MCDOWELL; STEWART, 1996).

O Islamismo surge com as revelações de Alá ao profeta Maomé, por volta do século VII d. C, daí reconhecer o primeiro como seu único deus e o segundo como seu legítimo profeta. Como afirma Jesse Lyman:

O fundador da religião maometana foi Maomé, nascido em Meca, Arábia, no ano 570. Iniciou sua carreira como profeta e reformador no ano 610, aos quarenta anos de idade. No início, o movimento começado por Maomé

conquistou poucos discípulos, porém o suficiente para sofrer perseguições (apud HURLBUT, 1993, p. 107).

Tem como textos sagrados o Alcorão, que contém as revelações de Alá a Maomé, o Hadith, contendo os pensamentos e as ações de Maomé, e o Sunnah, conjunto de regras de conduta a ser seguido pelos islâmicos (HISTÓRIA, 2009).

O Alcorão é a base doutrinal criada por Maomé e constitui o fundamento sobre o qual assenta toda a estrutura da religião Islâmica. É uma coletânea dos versos recitados pelo profeta, graças – segundo a tradição muçulmana – à revelação feita a ele por Deus, por intermédio do anjo Gabriel. As 114 suratas (capítulos) do Alcorão expõem os fundamentos do monoteísmo islâmico e os princípios morais que regem a comunidade.

Reconhecem-se duas correntes no Islamismo: os sunitas, o maior e mais ortodoxo grupo islâmico, o qual é maioria religiosa no Iêmen e na Arábia Saudita, entre outros povos. Esta vertente reconhece Abu Bakr e os três califas que o seguiram como sucessores de Maomé. A outra vertente é formada pelos xiitas que divergem nesta sucessão, reconhecendo Ali, sobrinho de Maomé, como seu sucessor.

Os islâmicos têm como símbolos mais importantes a família e a mesquita, elementos centrais da vida dos seguidores do Islamismo. Dados estatísticos apresentam o Islamismo como a religião que mais rapidamente ganha adeptos na atualidade (informação citada pela segunda vez, mas ainda não referendada em fonte).

Atualmente, calcula-se que os muçulmanos já somam 1,3 bilhão de praticantes da religião, que é adepta de interpretações radicais dos ensinamentos de Maomé. As democracias do tipo ocidental são raras no Islã: só a Indonésia, a Turquia e Bangladesh têm esse tipo de regime.

RELIGIOSIDADE NO BRASIL

No Brasil, observam-se com muita ênfase os aspectos do pluralismo religioso. Amostragens estatísticas efetuadas por diversos institutos de pesquisas em anos anteriores ao último censo (2000) foram referendadas em quase sua totalidade pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE, órgão considerado para pesquisas oficiais pelo governo brasileiro.

De interessante nesta pesquisa observam-se os principais resultados, relativos à questão “religião”, são três:

- a diminuição da porcentagem dos católicos, de 83,8% (1991) para 73,8% (2000); em números absolutos, os católicos aumentam de 121,8 milhões (1991) para 125 milhões (2000);
- o aumento da porcentagem dos evangélicos, de 9,05% (1991) para 15,45% (2000); em números absolutos, de cerca de 13 milhões para 26 milhões;
- o aumento dos que se declaram “sem religião”, que passam de 4,8% da população (1991) para 7,3% (2000), ou de 7 milhões para 12,3 milhões (ANTONIAZZI, 2003, p. 75).

É comum as pessoas frequentarem mais de uma religião ao mesmo tempo, isto é, não se pode negar que pessoas católicas ou de outra religião frequentam, mesmo que ocasionalmente os terreiros de candomblés e outros ritos afro-brasileiros e também outras religiões cristãs, praticando o seu próprio ecumenismo.

A frequência a cultos afro-brasileiros, representados no Brasil pelo Candomblé e pela Umbanda, segundo alguns estudiosos, se dá muito mais por conta do seu sincretismo, pois estas religiões costumam vincular santos da Igreja Católica e suas divindades africanas, cujo caso mais comum é o de Iemanjá e Nossa Senhora da Conceição. O fato é que os praticantes destes ramos religiosos afro-brasileiros estão sempre se dizendo católicos ou espíritas, pelo que difícil se torna informar o número exato dos seus seguidores no Brasil.

Sobre as religiões afro-brasileiras, devem-se observar os dizeres de Prandi: “desde o início as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismos entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da igreja” (PRANDI, 2003, p. 16).

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS E METODOLÓGICAS DO ENSINO DA GEOGRAFIA BÍBLICA

Pode-se afirmar que o ensino religioso no Brasil ainda está na fase inicial de sua formação, ou seja, encontra-se ainda na sua origem (o primeiro Governo Vargas já introduzira o ensino religioso nas escolas públicas com caráter facultativo).

De início, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nada esclareceu em sobre o tema, tratado da seguinte maneira em seu artigo 33 original:

- Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:
 - I - confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou
 - II - interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa. (LDB, 1996).

O inciso I do referido artigo tornava amplamente dificultoso o ensino religioso, porque exigia dos professores capacidade ecumênica na mesma sala de aula, ou separação de alunos por credo e, ainda por cima, sem remuneração. Na prática não se conseguiu colocar professores capazes de lecionar de modo adequado.

No caso do inciso II, à época a palavra ecumenismo era apenas um sonho, pois as entidades não se entendiam plenamente.

Felizmente o bom senso do legislador levou-o a alterar o artigo 33, que assim está escrito atualmente, modificado que foi pela Lei 9.475, de 22 de julho de 1997:

- Art.1º - O art. 33 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:
- Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais

das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

- § 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. § 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso (BRASIL, 1997).

Uma redação que efetivamente ofereceu um modelo mais adequado de ensino religioso, dando maior liberdade de expressão, respeitando a diversidade, definindo em conjunto com entidades civis religiosas, o que mantém o sentido laico do governo, na definição de conteúdos.

Deste modo, o ensino religioso constitui-se em elemento fundamental para a formação básica de um novo cidadão, porque trouxe elementos para o desenvolvimento da criança e do adolescente, tornando-se indispensável como disciplina, muito embora, talvez por não ser obrigatória, tornou-se ponto polêmico entre educadores e parte da sociedade, por acreditarem que a religião é prática de fé e não um discurso de conhecimentos.

O que a lei nem os responsáveis pelo ensino no Brasil não previram foi a necessidade de habilitar professores para ministrar esta disciplina, o que tem resultado em grandes problemas administrativos e curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade religiosa é sem dúvida, uma das mais marcantes características da humanidade.

Estimativas indicam que há mais de duas mil religiões e mais de dez mil seitas no mundo inteiro. Só no Brasil são mais de cinco mil grupos principais (fonte?).

Tamanha multiplicidade de crenças tornou mais complexa a relação entre os povos. Assim como a diversidade étnica, a diversidade religiosa acabou resultando em

intolerância nas mãos do homem moderno (e as perseguições religiosas medievais não seriam consideradas casos de intolerância já existentes antes da modernidade?).

No contexto atual, a globalização vem cada vez mais reforçando a individualidade e o comportamento de intolerância entre as pessoas, de etnias e escolhas religiosas diferentes.

E neste aspecto, a geografia religiosa contribui para que se possa entender o desenvolvimento destas religiões e encontrar respostas alinhadas com os conflitos atualmente existentes. É na geografia religiosa que podemos localizar os relatos no espaço e no tempo, compreender as regiões nas quais ocorreram os fatos relatados na Bíblia, perceber o modo de vida das sociedades que viveram nestas épocas, os lugares específicos indicados no texto bíblico e suas atuais localizações geográficas.

Para um bom aproveitamento da leitura é de fundamental importância que o leitor tenha ideia dos lugares e do momento histórico de ocorrência dos fatos como também, da correspondência desses acontecimentos com as regiões atuais.

Para que se possa, desta feita, erradicar os desentendimentos que venham a distanciar as pessoas por suas concepções religiosas e ideológicas, enfim a Geografia Bíblica serve como ferramenta de delineamento do futuro ao mesmo tempo em que se vê no passado os pontos de fundamentação das religiões ora existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHELA, Rosely S.; BARROS, Mirian V. F. **Geografia bíblica: para compreender os conflitos do Oriente Médio**. Apresentação Power Point, 2008. Disponível em: <www.uel.br/projeto/geografiadoorient>. Acesso em 28 de março de 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB**. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em 02 de abril de 2015.

BRITO, ALEX. **Uma breve história do cristianismo**. Artigo. Disponível em: <<http://alexbrito2.multiply.com/journal/item/7>>. Acesso em 15 de março de 2015.

GILBERTO, Antonio. **Noções de geografia e história bíblica**. Manual da Escola Dominical/CPAD. Disponível em: <<http://www.pilb.t5.com.br/med16.htm>>. Acesso em 08 de abril de 2009.

HISTÓRIA das religiões. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/>>. Acesso em 07 de abril de 2009.

HURLBUT, Jesse Lyman. **Historia da Igreja Cristã.** Florida: Vida, 1993.

JOIER, Eduardo. **Manual prático de teologia.** Rio de Janeiro: Central Gospel, 2004.

MCDOWELL, Josh; STEWART, Dom. **Um manual das religiões de hoje: entendendo as religiões não cristãs.** São Paulo: Candeia, 1996.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, junho de 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistaonline/108104>>. Acesso em 28 de março de 2009.

RONIS, Osvaldo. **Geografia Bíblica.** Rio de Janeiro: Editora Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Andréia Cristina L. F. da. **Uma introdução à geografia do mundo bíblico.** Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/geografia.htm>>. Acesso em 08 de abril de 2009.

VELOSO, Eurico dos S. **Em defesa do ensino religioso escolar.** Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/ns/modules/articles/article.php?id>>